Somos eternos.

Acordo em um pulo, desligando o alarme agonizante que me lembra que mais um dia entediante está prestes a começar. O pensamento imediato é sobre quando esse purgatório terá fim. Com as forças que me restam, levanto e sigo por um corredor que, às quatro da manhã, parece mais amplo que a avenida mais extensa de São Paulo, tão fria e sem amor como esta cidade imunda e triste. Até chegar à porta do banheiro, crie mil motivos para voltar ao conforto da minha cama, mas nenhum é eficaz. Minha mente, traiçoeira, refuta todos eles. Talvez esteja tentando me ajudar, mas eu a odeio sempre.

Depois de vencer minha mente, sigo para debaixo do chuveiro gelado. Sinto cada gota, até mesmo quando ela atinge o box e volta contra meu corpo como lâminas do infinito. Para não perder o costume, uma voz ecoa em minha mente, sempre trazendo pensamentos ruins. ‘Ela’ me deixa maluca, mas eu a amo, é um dos poucos momentos em que sei que estou viva.

Saindo do banheiro, visto meu uniforme sem graça. Olho no espelho e vejo o reflexo de uma garota cansada e sem ânimo, mas mesmo assim, dou um sorriso, talvez na esperança de me enganar, fingindo que estou bem. Desço para a cozinha, enjoada, a ânsia de vômito se instalando em mim. Nunca entendi essa sensação, mas apenas ignoro e faço meu Nescau gelado, acompanhado de duas fatias de pão de forma, sem graça como sempre. Enquanto alimento meu corpo, ligo a TV e vejo o noticiário, tão deprimente quanto minha vida. Desgraças e tragédias a TV pela manhã parece um resumo de Jogos Vorazes, com pessoas conectadas a uma frequência que só mostra atrocidades. Algumas, apenas para saber que sua vida miserável não é a única, que existe alguém mais fodido que elas. Isso é uma descrição perfeita do que tenho sido. Pode soar cruel, mas uma vez ouvi que o mundo não é justo e que o mais forte sempre vence. Essa é a dura realidade da vida.

Desligo a TV e saio de casa sempre atrasada. Preciso de pequenas doses de adrenalina para me sentir bem, uma delas é pegar o ônibus no último segundo. Pequena, mas significativa. Entro no ônibus e me sento no mesmo assento, no fundo, sempre evitando ser notada. Uma mente ansiosa pensa em cada detalhe, cada passo, cada movimento, e o trajeto se inicia. Os mesmos rostos, tão cansados e desiludidos quanto o meu, desconhecidos juntos, cada um em sua luta diária alguns para o trabalho, outros para a escola, outros apenas vagando. Quem se importa? ‘desconhecidos tão conhecidos’ às vezes irritantes e inconvenientes, as vezes humanos como eu. No geral, os ignoro e me preencho com meus cenários falsos.

Minhas imaginações dominam a maior parte do tempo. Minha mente está sempre em epifania. Imaginar cenários é mais prazeroso que viver a realidade, minhas imaginações trazem ‘ela’ que já foi minha felicidade, minha tristeza, meu passado. Depois de tantas voltas e emoções, eu esperava um futuro, mas com ela, ele se foi. Às vezes me pego pensando em como as coisas poderiam estar agora se ela não tivesse partido. E quando digo que ela se foi, não é de forma literal, mas sim o sentimento; sinto que a pessoa que ela foi não é a mesma, e não se passaram anos, apenas meses. Ela mudou, seguiu em frente, e eu não consigo acompanhar.

Durante minhas imaginações, vejo-a me amando. Meu presente é totalmente diferente, e esses momentos são os mais felizes do meu dia. A emoção que eles trazem é tão boa quanto destrutiva, é carnal e mental. E mesmo sabendo que é meu maior mal, ainda anseio por isso, pela satisfação de passar algumas horas em um presente alternativo, onde minha felicidade preenche minha tristeza. Eu gostaria que fosse meu futuro, mas, com palavras lindas, minha mente diz que eu devo odiá-la, devo menosprezá-la. Minha mente é cruel, e eu sinto isso. Sei que não deveria, mas mesmo assim continuo nesse ciclo sem fim. Amo a sensação de êxtase que me traz, mas logo ela vai embora quando chego ao meu destino. Maldito ponto de ônibus, que coloca um fim na minha realidade perfeita.

No fim, penso que poderia ser eu e você, mas logo vejo que você e eu não existem e nunca existimos. Sigo por um caminho que me leva à porta do meu inferno. Assim que entro na minha cela, percebo que talvez eu esteja no céu, porque meu anjo está ali, com a mesma cara de tédio de sempre ou em pequenos casos rindo de algo sem sentido. E mesmo sabendo disso, ela continua linda e fria. Pode parecer hipócrita, mas por ela acordo todos os dias; ela me mantém viva, me dá esperança. Ela é minha luz.